



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**AUA SILÁ**

**O POVO BRAME OU MANCANHA DA GUINÉ-BISSAU:  
UM ESTUDO SOBRE RITUAL FÚNEBRE TOCA-CHORO (*TOKA TCHUR*)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**AUA SILÁ**

**O POVO BRAME OU MANCANHA DA GUINÉ-BISSAU:  
UM ESTUDO SOBRE RITUAL FÚNEBRE TOCA-CHORO (*TOKA TCHUR*)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Santos Souza.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**AUA SILÁ**

**O POVO BRAME OU MANCANHA DA GUINÉ-BISSAU:  
UM ESTUDO SOBRE RITUAL FÚNEBRE TOCA-CHORO (*TOKA TCHUR*)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, modalidade projeto de pesquisa, apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 18/03/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra. Cristiane Santos Souza (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Profa. Dra. Maria Andrea dos Santos Soares**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Profa. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado à vida e a oportunidade de estar aqui a disfrutar do projeto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

Em seguida, a minha gratidão vai especialmente para minha mãe, Sabado Insali, por ter me gerado, razão da minha existência, não tenho como lhe pagar.

De uma forma particular, gostaria de agradecer aos meus ancestrais na qualidade da minha avó, Domingas Dema, que já se encontra no mundo dos ancestrais, que jamais esquecerei. Nesta sequência, através da minha avó, encontrei a minha identidade cultural, por isso, sou grata por tê-la. Também, agradeço por suas palavras sábias que sempre me dizia: “todas as pessoas que estão próximas a nós terão um papel importante em nossa vida, seja relevância pequena ou imensa. Por outro lado, alguns irão nos fazer sofrer até ao ponto de chorar, mas este sofrimento vai servir como suporte do nosso fortalecimento. Com tudo isso, outros virão para nos dar lição de vida, mas não é para mudar a nossa identidade, mas, para tomar consciência das coisas boas e más”.

Por outro lado, dirijo o meu agradecimento para minha Tia Isabel Insali e aos meus irmãos, que acreditam na minha pessoa e me dão sempre a força para continuar a lutar pelos meus sonhos. Sou grata por tê-los na minha vida!!

Também, agradeço a minha orientadora, Cristiane Santos Souza, por ter me ajudado na elaboração desse trabalho e aos meus amigos e amigas que participaram diretamente ou indiretamente no mesmo processo.

Por último, agradeço antecipadamente a banca examinadora por aceitar o convite de participar da apresentação do projeto.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>13</b>
4.1	OBJETIVO GERAL	13
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
<b>5</b>	<b>HIPÓTESE</b>	<b>13</b>
<b>6</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>14</b>
6.1	RITUAL	14
6.2	A MORTE ENTRE O POVO MANCANHA	15
6.3	CERIMÔNIAS FÚNEBRES	17
6.4	RITUAL DE TOCA CHORO DO POVO MANCANHA	19
<b>6.4.1</b>	<b>Outros rituais de Toca choro</b>	<b>20</b>
<b>7</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>21</b>
<b>8</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>23</b>
8.1	REALIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA	23
8.2	REALIZAÇÃO DA PESQUISA	24
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe compreender os processos culturais do *povo*<sup>1</sup> Brames ou Mancanha, particularmente os rituais fúnebres Toca-Choro (*toca-tchur*), que corresponde a cerimônia tradicional herdada, que tem a finalidade de manter a relação entre o mundo dos vivos com o mundo dos mortos. Segundo Benzinho e Rosa (2015), o ritual de Toca-Choro é uma cerimônia de evocação do espírito, a fim de permitir que a alma da pessoa morta tenha acesso ao mundo dos ancestrais. Neste ritual, o momento de som do *bombolom*<sup>2</sup> é entendido como o verdadeiro instante de transe no qual se descreve a qualidade da pessoa antes e após a sua morte.

Os Brames ou Mancanha é um dos *povos* que constitui o território nacional da Guiné-Bissau, um país com grande diversidade cultural, religiosa e linguística. Diante do exposto, faz-se necessário trazer uma pequena contextualização do país hoje conhecido como Guiné-Bissau para situar melhor o leitor. A Guiné-Bissau é um país situado na Costa Ocidental da África, tendo limites fronteiriços ao norte com Senegal; a leste e sul com a Guiné-Conakry e oeste com o oceano atlântico. Tem uma superfície total de 36.125km<sup>2</sup>; o clima tropical é quente e húmido. O país é constituído por três províncias, das quais: norte, sul e leste, têm oito regiões: Biombo, Cacheu, Bafatá, Gabu, Oio, Quinara, Tombali Bolama de Bijagós e um sector autónomo, Bissau. É constituída por uma parte continental e outra insular, o arquipélago dos Bijagós, com cerca de noventa ilhas, das quais apenas dezessete são habitadas.

Não obstante, deve-se esclarecer que apesar do quadro multiétnico que caracteriza a sociedade guineense, o foco deste trabalho é tão quanto discutir sobre os rituais fúnebres Toca-Choro (*toca-tchur*), do povo Mancanha, conforme dito acima. Todavia, não se pretende descolar totalmente da realidade dos outros povos no tocante ao Toca-Choro (*toca-tchur*), portanto, em alguns momentos irei fazer referência a algo sobre os demais povos que compõem o mosaico diversificado de Bissau-guineense.

---

<sup>1</sup> O uso do termo povo invés da etnia surgiu com a finalidade de auxiliar em desmarcar tudo o que foi construído pelo ocidente. Visto que o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas se reformula com base nos conceitos de etnias diferença cultural ou identidade cultural, por isso os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultura são de uso agradável para todos os racistas. Diante disso pretendo não reproduzir ou reconstruir o conhecimento ocidental que acaba por vir contra os nossos princípios. (MUNANGA 2004). Por outro lado, a identidade étnica nunca se define de maneira puramente endógena pela transmissão da essência e das qualidades étnicas. (PHILIPPE POUTIGNAT E JOCELYNE STREIFF-FENART 1998, p. 142).

<sup>2</sup> Bombolom é um instrumento tradicional de comunicação, também usado nos momentos do rituais de Toca-Choro .

Segundo Scantamburlo (2013), há cerca de trinta subgrupos em Guiné-Bissau, de modo que, estão divididos por características culturais, a exemplo: da língua, das relações familiares, dos meios de produção e de subsistência, a organização dos poderes políticos e religiosos. Estes trinta povos são agrupados em três grandes grupos: Os paleo-sudaneses do litoral, paleo-sudaneses do grupo Mandinga e neo-sudaneses do grupo Fula e grupo Crioulo. O Crioulo é um grupo minoritário na Guiné-Bissau formada pelas pessoas vindas do exterior, a exemplo dos Cabo-verdianos e Libaneses. O povo Mancanha faz parte do subgrupo paleo-sudaneses do litoral, são os mais antigos habitantes da Guiné-Bissau, são sedentarizados assim como os Papeis e os Manjacos. Os Mancanha têm uma religião tradicional africana herdada de geração a geração e as suas línguas são da subfamília oeste-atlântico da Guiné-Bissau (SCANTAMBURLO, 2013, p.16-22).

Sobre a origem dos termos Brames e Mancanha, Jao (1989) enfatiza que os antepassados deste povo vieram das zonas de *ribada* (de cima) sobre a qual havia um homem chamado Braima e uma mulher de nome Bula que se apaixonaram. De modo que o homem pertencia a família pobre e a mulher a família rica. Eles se apaixonaram e decidiram se casar. Porém, os familiares da Bula não gostavam deste relacionamento amoroso. Assim, Braima e Bula decidiram emigrar. Bula pegou o cavalo branco do pai e partiu com o namorado e acabaram por chegar num território atualmente denominado de Bula. Ali construíram o seu *habitat*. Braima acabou por utilizar o nome da sua esposa para denominar a aldeia. E, ao passar do tempo, todas as pessoas que vieram juntar-se a eles, receberam o nome de Brames, que provém do nome do marido. Foi assim que surgiu a povoação de Bula cujos habitantes são os Brames. Ao passo que, o nome Mancanha tem origem na época colonial, é um termo recente que surgiu através de um régulo<sup>3</sup> cujo nome Mancanha-M'BOSS de Bula.

Nesta senda, no período da eleição para o novo régulo Mancanha M'BOSS conquistou a grande maioria da população em seu favor com um esplêndido argumento: “ninguém nascia para ser régulo e que isso dependia do poder e da força de cada um” (JAO, 1989, p.50). Dessa forma, os portugueses seguiram a vontade do povo que preferiam que Mancanha M'BOSS fosse régulo. Portanto, foi a partir daquele momento que os portugueses passaram a chamar os antigos Brames de Mancanha, o que significava dizer o partido de Mancanha. Também às próprias autoridades estavam a favor de Mancanha M'BOSS, quem estava contra era castigado até a morte pelos colonialistas. Daí todos preferiam aderir a nova

---

<sup>3</sup> Régulo é a entidade máxima numa determinada comunidade local tem o cargo de administrar o seu território (Benzinho e Rosa, 2015). E esse nome Regulo - segunda a tradição de alguns povos em Guiné-Bissau, é um nome dado àquelas pessoas que é escolhido para encarregar e gerir numa determinada comunidade.

nomeação. Foi assim que surgiu o termo Mancanha que agora é o nome mais usado para denominar o povo Brame. (JAO, 1989, p.50-51).

Na maior parte das sociedades tradicionais africanas a agricultura é o principal meio de subsistência e a divisão social se estrutura por meio da faixa etária. A sociedade Mancanha também não foge desta realidade. O sistema social se organiza de forma vertical sobre qual o régulo se posiciona como figura principal da posição hierárquica. No dizer do Jao (1989), a sociedade Mancanha se estrutura da seguinte maneira: *régulo*, *suplente de régulo*, *bandjanhãs*, *bansughãs* e povo. De maneira que há certos *jorsons* (linhagens) que podem ter acesso ao regulado, dentre os quais: Bami e Medu em Bula e Kapu e Dapa em Có. Visto que o régulo é considerado autoridade máxima da sociedade Mancanha, os homens e os gados são suas propriedades; o *régulo adjunto* (ou *suplente de régulo*) se constitui na segunda posição na hierarquia social; os *bandjanhãs* ocupa a posição de braço direito do régulo; os *bansughãs* são representantes do régulo em diferentes zonas e são responsáveis por distribuir as terras que estão sob o controle da autoridade máxima; e, por fim, o povo e seus bens são considerados propriedade do régulo (JAO, 1989, p. 52-54).

As práticas tradicionais do povo Mancanha são assentadas nos espíritos dos seus ancestrais. Para eles a base do mundo depende das suas ancestralidades. Conforme Slenes (2018), “O culto aos ancestrais na África tem um significado amplo, político, social e religioso, especialmente no caso da homenagem feita ao ancestral fundador que como os africanos dizem deram origem a nossa vida e nos trouxeram as terras onde vivemos” (SLENES *apud* DELFINO, 2018, p. 17).

Além disso, a crença deste povo se baseia na interferência com a força de uma entidade divina conhecida por *Irã*<sup>4</sup>, que é um intermediário entre os homens e o ser supremo (*Nachibathi*)<sup>5</sup>. Este *Irã* pode ser os espíritos dos seus ancestrais ou qualquer outro ser sobrenatural de maneira que antes do início da cerimônia deve ser evocado, pois:

Acreditam em *Nachibathi*, que é criador onipotente e tem a melhor das intenções para com as humanidades. Mas, o ser supremo está longe e inacessível. Os seres humanos só podem solicitar a sua proteção e clemência através de forças intermediárias espirituais às quais dados o nome de *Irã* (JONG, 1988, p. 4-5)

---

<sup>4</sup> *Irã* é o espírito sagrado, protetor das famílias e de suas linhagens, mas que pode ser implacável nas punições com aqueles que não cumprem com a promessa feita a ele. Na sociedade Mancanha os *Irã* são representados na forma de um estatueta de madeira ou um garrafa com bebida alcoólica e estes são consagrados porque se tornam depositários das almas dos antepassados. O termo *Irã* cobre todos os seres e símbolos da religião tradicional africano-guineense e esta divindade é denominada na língua Mancanha de *Unssái* (SEMEDO, 2010, p. 116).

<sup>5</sup> *Nachibathi* é o ser supremo (Deus) entre os Mancanha.

Em termos de representação populacional em Guiné-Bissau, Pinto (2009) enfatiza que o povo Mancanha representa menos de 4% da população guineense, visto que se encontra no norte do país, na região de Cacheu. A maioria reside no setor de Bula. Dentro deste setor, existe Mancanha de Bula que é denominado de Baula e Mancanha de C6 que designado de Bahu. Parte desse povo emigrou para o território do Senegal e para a região de Bolama Bijag6s. Com as fortes migra66es ocorridas em diferentes momentos, hoje os Mancanha se encontram em toda a parte da Guin6.

Por conseguinte, al6m dessa introdu66o, o trabalho est6 organizado em 8 (oito) partes e mais as refer6ncias bibliogr6ficas. Na primeira, apresento a tem6tica proposta, a problem6tica e as quest6es que pretendo responder na segunda etapa do trabalho. Depois apresento a justificativa do projeto onde descrevo o porqu6 da escolha e relev6ncia no campo acad6mico, tanto quanto para a sociedade Mancanha. Em seguida, apresento os objetivos gerais e espec6ficos que se prop6em itiner6rios a serem percorridos a fim de materializar a pesquisa. Em seguida, na hip6tese levantada no trabalho apresento as poss6veis respostas para a problem6tica levantada. Na revis6o bibliogr6fica di6logo com a uma literatura pertinente ao tema e as quest6es, estabele6o algumas escolhas conceituais e te6ricas iniciais, as quais organizei em quatro subse66es: **Ritual; a morte entre o povo Mancanha; Cerim6nia f6nebres e Toca-horo do povo Mancanha**. Em seguida, apresento os procedimentos metodol6gicos a serem seguidos na realiza66o da pesquisa. Por fim, exponho o cronograma de trabalho e algumas considera66es finais.

## 2 PROBLEMATIZA66O

A cerim6nia de Toca-Choro realiza-se logo ap6s a morte e sepultamento de um falecido, por vezes, acontece um ano depois ou mais, depende das condi66es da fam6lia em conseguir os recursos necess6rios para a realiza66o da cerim6nia, de modo que, neste ritual s6o sacrificados v6rios animais para comunh6o (BENZINHO e ROSA, 2015 p. 18).

Segundo Couto e Embalo (2010), o Toca-Choro 6 realizado atrav6s da cotiza66o (abota) feito por parentes do falecido para ajudar na realiza66o da cerim6nia, de modo que, se verifica a predomin6ncia de v6rias comidas e bebidas. Nesta cerim6nia s6o sacrificados muitos animais, a exemplo de: vacas, porcos e cabras. Normalmente, este ritual acontece durante tr6s dias. O primeiro dia se inicia com o toque de *bombolom* para comunicar o resto da fam6lia para participar na mesma cerim6nia. No segundo dia se come6a com c6ntico e

dança no momento de sacrificar os animais (*karmusa*). O terceiro ou o último dia é marcado pela manifestação (festa) em que predomina a “música moderna”. Também, se verifica carnes em quantidade e bebidas; tudo isso é criado por diferentes grupos participantes (*mandjuandadi*)<sup>6</sup> no ritual. Esse é um dia de muita animação em que são consumidas bebidas alcoólicas (*carni ku binho mangadel*) muita carne e vinho, isso em homenagem aos que já partiram. Na prática de Toca-Chora existe sempre um indivíduo responsável pela realização da cerimônia de um falecido. Essa pessoa tem a função de fazer de tudo em colaboração com o restante dos familiares para realizar essa cerimônia, para poder garantir com que a sua cerimônia seja feita após a sua morte também e assim sucessivamente.

Por outro lado, o Toca-Choro do Povo Mancanha, antes do início da sua realização, se a pessoa morta tiver muitas filhas casadas ou divorciadas, no momento da reunião para celebração, o marido da filha do falecido vai receber uma corda pequena, através desta que vai saber quem tem a obrigação de sacrificar uma vaca no Toca-Choro da mãe ou do pai da esposa e este convite é dado principalmente ao primeiro marido como uma forma de pagar o dote de casamento.

Na realização desta cerimônia, os Macanha, antes do início do ritual, evocam os espíritos ancestrais através das mediações da força de uma entidade divina designada de Irã. Eles são considerados os espíritos dos seus ancestrais. Segundo Cumba (2017), é através dos *Irãs* que se mantem a ligação com o ser supremo (*Nachibati*), com a interferência dos *djambakus*<sup>7</sup> (*kim ku ta alsa mon*) denominado na língua Mancanha de (*Bapena*), o porta-voz. Nesta perspectiva, Vaz salienta:

Os irãs são cultuados nas *balobas* (santuários, locais de culto, de evocação ou de consulta), os *balobeiros* são seus sacerdotes ou intermediários. O local é marcado por uma árvore sagrada, em geral, um imponente e secular polão de enormes proporções e que tão bem caracteriza a paisagem africana, árvore de raízes tubulares, gigantescas, com seu tronco rugoso e acidentado, esgalhando-se em todas as direções, formando uma copa majestosa, como um imenso abrigo umbroso. [...] são inúmeras as ocasiões para as cerimônias de evocação aos Irã. Vão desde o pedido de proteção e conservação do poder dos régulos, a uma ação de justiça, ao respeito pela tradição, até aos pedidos de bom sucesso na lavoura e nas colheitas e em outros domínios da vida familiar (VAZ *apud* CUMBA, 2017, p.9).

---

<sup>6</sup> Mandjuandade é formado por grupos de pessoas da mesma idade que se organizam pelas normas próprias. E surgiu através do termo mandjua (coligação) vinda de coletividades, constituído por diferentes grupos étnicos da Guiné-Bissau e cujas finalidades a solidariedade social entre os seus membros. (SEMEDO, 2010, p. 123)

<sup>7</sup> Djambakus (sacerdote tradicional) é um adivinho e curandeiro que tem a capacidade como clarividente ele é ambivalente, adivinham ao respeito do passado, presente e futuro e tem o poder de combater as bruxarias e feiticeiras. E podem ser guiadas pelas divindades e também as almas dos antepassados mortos pode encarnar nele e que servirá como porta-voz. (JONG, 1988 p. 13-14).

Em consonância com o exposto por Vaz é perceptível que as crenças desse povo são, muitas das vezes, assentadas na relação com essa divindade. De modo que, estes são privilegiados com um espaço onde serão cultuados, que pode ser em frente da casa ou num Polão (Baobá), para comunicar com este existe sempre um porta voz designado para manter a comunicação com praticantes. Para evocar o *Irã* utilizam sempre a bebida alcoólica a fim de derramar e também o sacrifício dos animais no local, porque acreditam que o *Irã* precisa comer e através dessas práticas se apelam pela proteção.

Com base nos argumentos expostos pelos autores citados, surgiram as seguintes inquietações que irão nortear o desenvolvimento da segunda etapa do trabalho, entre as quais: *i.* Qual é a concepção do ritual de Toca-Choro para o povo Mancanha? *ii.* Há alguém específico a realizar a cerimônia de toca choro no seio da família enlutada ou a alma é responsável por indicar? *iii.* De que maneira a alma da pessoa morta se comunica com os vivos por meio de Toca-Choro? *iv.* Quais as consequências para a família da pessoa morta e para alma se essa cerimônia não for realizada? *v.* Por que a corda que simboliza o sacrifício do animal como uma forma de pagar o dote é direcionada principalmente ao primeiro marido da filha do falecido e o que acontecerá se ele não cumprir? *vi.* De que modo à concepção do Toca-Choro do povo Mancanha se diferencia dos demais povos da Guiné-Bissau que realizam o mesmo ritual?

### 3 JUSTIFICATIVA

A minha vivência e o desejo de poder estudar e ressaltar as práticas culturais da minha experiência como membro do povo Mancanha influenciam na escolha do tema desse projeto. Dentro desta perspectiva, a proposta de compreender os significados e a importância para este povo da crença na prática tradicional Toca-Choro como uma forma de valorização da cultura dos nossos ancestrais.

É importante dizer que desde que nasci vi uma forte relação entre o mundo dos vivos e dos mortos, por isso, a curiosidade e vontade de entender como se mantem e cresceu ainda mais essa relação com os nossos ancestrais. Além dos Mancanha, os povos Papel,<sup>8</sup> Manjacos

---

<sup>8</sup> Papel é nome de determinado grupo sociais na Guiné-Bissau, e esse nome é dado à pessoa que pertence o mesmo grupo.

e Balanta fazem o mesmo ritual. Mas a minha avó me dizia que povo Mancanha tem essa crença da veneração da tradição dos ancestrais.

E com o crescimento dessa sociedade houve uma contradição entre modernidade e a tradição<sup>9</sup> no seio das sociedades, visto que, havia algumas práticas realizadas nos tempos remotos que agora já estão se perdendo. Diante disso, a minha curiosidade sobre o tema despertou ainda mais ao chegar à UNILAB devido o contato com o professor Marlon Marcos Vieira, em uma das disciplinas ministrada por ele: **Filosofia da ancestralidade**, pois me levou a entender que é preciso valorizar a cultura dos nossos ancestrais e resgatá-la. Também, trabalhamos o texto de Wanderson Flor Do Nascimento, intitulado: **Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre África e Brasis**, onde ao autor demonstra que “o que chamamos de culto seria uma rotina de manutenção das múltiplas interações com a natureza, com a comunidade e com as diversas relações com a ancestralidade” (NASCIMENTO, 2016, p.6). Isso me fez lembrar tudo o que eu tinha ouvido da minha avó acerca dos nossos antepassados, também me serviu como suporte para poder aperfeiçoar o assunto em questão.

Diante do exposto, acredito que o presente trabalho apresenta relevância pessoal, acadêmica e social. A ordem pessoal se justifica pelo fato da minha mãe ser do grupo Mancanha, e, entendo que é o meu dever enquanto parte deste grupo entender como ocorre as manifestações culturais do grupo do qual faço parte. Em termos acadêmicos, o trabalho se revela importante na medida em que pode contribuir para ampliar o campo dos estudos sobre rituais religiosos, especialmente aqueles que estabelecem contato entre o mundo dos vivos e dos mortos; além de poder se constituir como material de consulta para futuros pesquisadores que irão se debruçar sobre o assunto nos diversos estudos acadêmicos e científicos. A dimensão social do trabalho se fundamenta na medida em que pode contribuir para ajudar

---

<sup>9</sup> A modernidade orienta o processo de transformação social, político e cultural de modo que esse processo levou as áreas diferentes do globo numa onda de transformação que continua a atingir todo o planeta, que propõe radicalmente nova forma contrapondo aquelas ditas tradicionais. A modernidade foi concebida na África com chegada dos europeus que trouxeram os dois fenômenos modernos, a urbanização e o sistema de valores econômicos e sociais, de maneira que se distinguiam a organização social de várias sociedades tradicionais africanas. Por outro lado, o movimento migratório para cidade, que até hoje se verifica, contribui também para o abandono dos comportamentos e práticas tradicionais que aqui se encontram deslocadas, na qual o mundo tradicional passou a jogar com novas regras e este jogo se mantém até no dia de hoje em Bissau. Com base nisso, a vida “moderna” integrou a sua formação e a vida tradicional já não respondia as aspirações sociais, daí inicia-se uma nova fase na relação entre a tradição e a modernidade. Divido a esta perturbação da estrutura social tradicional os grupos étnicos sofreram um desgaste mais lento. Todavia a modalidade tradicional e moderna por existirem no seio da mesma sociedade e na mesma época, isso impõe a contradição que se estabeleceu entre si, pois sob o ponto de vista social e psicológico se a modernidade é ruptura, a tradição representa a única fonte possível do sentido. (PINTO, 2009, p. 19-30)

outros povos e, de modo particular, os Mancanhas a conhecerem a sua realidade cultural e tradicional.

A desvinculação com os cultos tradicionais desse povo é evidente pelas práticas de novas gerações, uma vez que estão sob “controle” das ideologias eurocêntricas, deixando os seus saberes culturais obscurecer-se e se apropriando de forma hegemônica da cultura europeia, desvalorizando assim as suas práticas tradicionais. Neste aspecto, este trabalho tem o propósito de contribuir para a representação da identidade cultural do povo Mancanha e como ferramenta escrita que ajudará em registrar traços culturais desse povo.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVO GERAL**

- Compreender e problematizar o ritual de Toca-Choro e a relação entre o mundo dos vivos e dos mortos a partir da cultura Mancanha.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Compreender o entendimento (sentidos e significados) atribuído pelos Mancanha à morte;
- Entender a relação entre o mundo dos vivos e dos mortos do povo Mancanha;
- Investigar em que medida da dimensão social, cultural e tradicional se faz o Toca-Choro.

## **5 HIPÓTESE**

Partimos da suposição de que a realização do Toca-Choro para os Mancanhas supõe a crença na imortalidade da alma e a ideia de valorização da solidariedade com os nossos ancestrais, pois o Toca-Choro nos permite manter esse laço de convivência simbólica entre o mundo dos vivos e dos mortos. Por outro lado, supomos que, se o ritual do Toca-Choro não for feito a alma da pessoa morta vagueia, pode voltar ao mundo dos vivos para fazer mal a família.

## 6 REVISÃO DA LITERATURA

### 6.1 RITUAL

Ao fazer um estudo da antropologia social é difícil abordar o assunto sobre cerimônias fúnebres sem abordar um conceito extremamente fundamental que ajuda a compreender o mesmo fenômeno em questão. De acordo com Rodolpho (2004, p. 139), “os rituais concedem autoridade e legitimidade quando estrutura e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as visões de mundo”. Deste modo através de rituais são realizados acontecimentos que envolvem os indivíduos dentro de uma esfera de controle social, permite manter certas ordens numa determinada sociedade e entender os seus valores pensados e vividos. Os rituais podem ser uma ferramenta que ajuda a compreender um grupo social e as suas crenças.

Na perspectiva de Peirano, “o ritual constitui um fenômeno especial da sociedade que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (PEIRANO apud RODOLPHO, 2004, p.141). Em todos os grupos sociais existem acontecimentos que são considerados especiais e únicos, mas isso acontece em cada sociedade de maneira diferente. Os rituais podem ser “religiosos, profanos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados” (PEIRANO apud RODOLPHO, 2004, p.140-141).

Segundo Van Gennep (2011), a trajetória dos sujeitos está em constante passagem de uma posição social para outra. De modo que, a opinião dos ritos é constituída pela decisão coletiva, dotadas de um tempo e de um espaço, é determinado pelas necessidades dos indivíduos, de transformar o mundo e a si mesmo com a finalidade de viver em sociedade. Pois os ritos podem ser simpáticos e de contágio, diretos e indiretos, positivas e negativas.

Além disso, continua Van Gennep, os ritos de passagem podem ser decompostos em ritos de separação (preliminares) do mundo anterior, de margem (liminares) e de agregação (pós-liminares) ao novo mundo. Isso quer dizer que o sujeito ao sair do mundo anterior para o novo mundo tem que passar primeiro pelos ritos de zonas como ritos de margens, a fim de si poder agregar ao novo mundo. E através disso se apresenta a possibilidade da realização de ritos de entrada e de saída, estas fases são identificadas em diferentes grupos sociais, mas o importante é verificar todas as fases o antes e o depois, de modo que todas são referentes umas às outras.

Van Gennep ainda ressalta que todo indivíduo ou grupo é selecionado por determinados aspectos estabelecidos socialmente que o enquadram em um mundo sagrado ou profano. Ademais acrescenta que há sempre novos liminares a travessar, a vida do sujeito está continuamente desagregando e reconstruindo, ou seja, muda de estado e de forma seguindo sequências típicas. De maneira que o sujeito iniciado a um novo mundo passa pela sequência dos ritos de separação, de margem e de agregação. Diante disso, é possível compreender que há pluralidade de forma de início.

Por conseguinte, pode-se perceber que o ritual é o meio pelo qual um determinado grupo se expressa em suas crenças e valores, de maneira que cada sociedade tem a sua forma de encerrar acontecimentos, também, ajuda a manter a organização de um grupo social. Assim, o ritual se manifesta de uma forma sequencial.

## 6.2 A MORTE ENTRE O POVO MANCANHA

A morte é um fenômeno que acontece ou se verifica em toda sociedade e a forma como é entendida e interpretada difere dependendo do contexto social. Nesta senda, a Morte na tradição Mancanha não pressupõe exatamente o oposto da vida, ou o fim da vida, mas sim, um recomeço para uma nova etapa que está começando, ou seja, a morte não é o fim de tudo e a vida não acaba com a morte. (SANCA, 2014, p. 3)

Conforme Leonardo Cardoso (2004), o povo Mancanha acredita na existência da alma após morte e vê a morte como uma viagem para outro mundo. Na história *oral*<sup>10</sup> deste povo, a alma de um ente querido falecido pode voltar a terra e se reencarnar sobre a outra pessoa e esse fato pode ser identificado através das características ou uma marca do falecido no recém-nascido.

Os Mancanhas acreditam que alma após a morte se encontra provida de grandes poderes e este pode atuar tanto no sentido do bem assim como do mal. E as suas vontades são conhecidas apenas pelas cartomantes (*djambakus*). A alma pode se manifestar na família de diferentes formas como no caso da doença prolongada, acidentes, desgraça constantes ou ainda mortes. Para o povo Mancanha assim como Papel e Manjacos, a alma da pessoa morta está sempre presente, por isso, costumam fazer escultura (estatueta), que são colocadas em

---

<sup>10</sup> Na sociedade tradicional a fala é reconhecida não apenas como meio de comunicação diária, mas também serve como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, veneradas no que poderíamos chamar de tradição oral que é concebido como o testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Pois na maioria das civilizações Africanas as palavras tem poder misterioso, criam coisas. (J. Vansina, p. 157)

frente da casa no sentido de representar a alma da família morta, o que muitas das vezes são construídas com madeira em forma da pessoa e isso serve para as suas proteções e são designados na língua de Mancanha de *Balugum* (CARDOSO, 2004, p.8-9).

Segundo Slenes (1992), o lugar dos espíritos ancestrais era junto dos vivos, quer dizer com os seus descendentes que após morte em alguns dias o espírito voltará para ficar perto do seu povo. Entre o povo Mancanha, acredita-se que alma é imortal e apesar de um determinado indivíduo desaparecer fisicamente, a sua alma continua a influenciar o mundo dos vivos, todavia, os mortos fazem parte da sociedade, e através das cerimônias ajudam a guardar a pureza dos espíritos nas aldeias.

Da mesma forma, Wanderson Flor de Nascimento (2016), na sua abordagem sobre Candomblé como modo de vida, ressalta que os candomblés sustentam que os mortos fazem parte da comunidade e assim como os orixás, voduns e inquices, (divindades), tem função na mesma, comem e festejam. Por isso, acreditam que há existência de um mundo só, onde todos estão presentes de modo diferente. E o culto realizado ali é oferecido á natureza e aos ancestrais, que aparecem em forma dos nossos mortos, estes compõem as comunidades de divindades.

Segundo Evans-Pritchard (2005, p. 37-55), para os povos Azande<sup>11</sup> toda a morte é relacionada à bruxaria, e deve ser vingada. Diante disso, todas as práticas conectadas a bruxaria são percebidas resumidamente a ação da vingança. E vingança acontece quando o bruxo cometia seu segundo ou terceiro homicídio, ou quando matava uma pessoa importante. Por outro lado, os Azande acreditam na morte natural e, também, na morte causada por bruxaria, de maneira que a morte não é só um fato natural, também é um fato social, porque não se trata somente de um coração parar de bater, ainda trata da distribuição de um membro da família.

Perante o que foi revelado pelos autores pode se perceber que o povo Mancanha, acredita na imortalidade da alma, partindo da concepção de que a morte não é o fim da vida, pois a creditam que existe a vida após a morte, de maneira que as mortes fazem parte da mesma sociedade com os vivos. E estes disponham de poderes na qual se encarna sobre a outra pessoa em forma de defunto e também pode habitar na criança recém-nascida.

---

<sup>11</sup> Azande ou Zandes é um grupo entre muitos existentes no continente africano, residem na região central africana, concretamente na República Democrática do Congo, no centro-sul e sudoeste do Sudão do Sul, e no sudeste da República Centro-Africana.

### 6.3 CERIMÔNIAS FÚNEBRES

Na sociedade Mancanha o ritual funerário é essencial, porque, acredita-se que por meio deste ritual consegue-se manter a segurança dos mortos, por outro lado, serve para realçar a dignidade da pessoa morta e mostrar que a morte não é o fim, mas sim uma passagem. Porém, sem a realização deste ritual a alma do morto não sai da casa e pode causar danos com desejo de vingar, se por acaso à pessoa morre fora da casa (em casos de casos de acidente) costumam ir ao local onde aconteceu a tragédia a procura da alma para realizar a cerimônia. E estes rituais que os Vivos realizam para os mortos servem de passagem para outro mundo. Por isso, há todo o interesse em cuidar dos seus mortos através de rituais adequados (SANCA, 2019).

Antes de seguirem para o sepultamento, na primeira parte da cerimônia do ritual fúnebre, os Mancanhas lavam o cadáver para purificá-lo e colocam a roupa simples que o difundo costumava usar antes da sua partida, depois vem com panos que servem de afetividade com a pessoa morta, às vezes, muitos dão como encomendas para a família que já tinham falecido antes, e este defunto é o portador. Em seguida, seguem com o corpo para o enterro, vinte quatro horas após a morte da pessoa, e antes de saírem com o cadáver costumam sacrificar um animal e fazer passar o cadáver em cima do animal sacrificado, isso serve como um súplica para alma do morto. No cemitério, os Mancanhas enterram os seus mortos colocando a cabeça em direção do nascer do sol e os pés do poente. Porém, há exceção na forma do sepultamento, porque o régulo é enterrado com o vestuário. O seu vestido deve ser real, isto é, com manta e barrete vermelho (barrete é um tipo de chapéu tradicional geralmente usado para finalidades sagradas e não só) e o sepultamento é realizado só depois de alguns dias, às vezes uma semana depois da morte (CARDOSO, 2004, p.14-21).

É notável que nas sociedades Mancanha, antes de se seguirem para o enterro são dirigidas as últimas palavras por um ancião como uma forma de oração para alma do morto, conforme salienta Fonseca:

Deixamos-te partir, chega em paz. Que os bons espíritos te introduzam e que Deus supremo te acolha no repouso eterno. Partilhámos as alegrias, as tristezas as preocupações, eis-te agora diferente de nós, não te esqueças de nunca de cuidar de nós e dos nossos filhos. Sabemos que estás vivo e que estás entre nós. Nós também faremos sacrifícios para ti, para pedir a clemência do Muito-Alto, Mestre do Céu, pelos teus erros cometidos no tempo em que estavas conosco (FONSECA, 1997, p. 10).

De acordo com argumento exposto por Fonseca, este povo acredita na clemência do ser supremo de modo que creem que a alma precisa de um canto de repouso, por isso fazem sacrifícios para apagar os erros cometidos pela pessoa antes da sua partida, por outro lado, acreditam que os mortos podem protegê-los. Portanto, a toda a instância em venerá-los.

Depois do funeral, os Mancanha acreditam que nada no mundo acontece por acontecer, tudo tem uma explicação como no caso da doença, acidentes e mortos. Na mesma linha de pensamento Cardoso (2004), acredita que após o funeral se seguem para a consagração de *djongaco*<sup>12</sup>, através do qual se detecta a causa da morte ocorrida no seio da família.

De acordo com Leite (1982), em sua análise sobre as cerimônias fúnebres do povo Ioruba<sup>13</sup>, revela que está cerimônia é estabelecida no sentido de dar continuidade a existência do homem no mundo dos ancestrais. Visto que, “a cerimônia funerária é veículo que permitem á sociedade efetivar essa mutação crucial do ser humano” (LEITE, 1982, p.104). Pois, sem a realização dessas cerimônias não é permitido à entrada da pessoa morta do espaço sagrado dos ancestrais. As cerimônias funerárias possuem significados abrangentes, as suas realizações são diversas, por isso, ocorre em dois momentos diferentes, entre os quais: o primeiro se inicia logo após da morte, que é designado rito de passagem, e a segundo se corresponde ao instante de sepultamento no qual se predomina o silêncio, que é denominado de rito de permanência.

Apoiada nos argumentos dos autores dá para entender que a cerimônia de funeral para o povo Mancanha é essencial, pois permite purificar os mortos. Por outro lado, serve para acompanhar os mortos a caminho da nova vida, essa cerimônia é entendida como a primeira parte do ritual fúnebre, também, é o momento de grande tristeza para os vivos e para os ancestrais é momento da festa porque houve agregação de nova família. Diante disso, as famílias realizam o funeral em oferta ao respeito atribuído aos seus mortos.

---

12 Djongago é uma estrutura semelhante a um caixão feita de canas de bambu envoltas numa esteira as atadas com cordas feitas com folhas de palmeira. Dentro da estrutura são colocados folhas e ramos de uma planta especial, que se crê pode evocar a alma da pessoa morta para revelar a causa da morte a todos parentes (SCANTAMBURLO, 1978, p. 47).

13 Os Iorubás, iorubas, iorubanos ou nagôs constituem um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental, com mais de 30 milhões de pessoas em toda a região.

#### 6.4 RITUAL DE TOCA CHORO DO POVO MANCANHA

De acordo com Sanca<sup>14</sup> (2019), o ritual de Toca-Choro é uma cerimônia na qual os Mancanhas homenageiam as almas dos seus antes queridos, com vista a retribuir a alma da morte por tudo que realizou de bom no mundo dos vivos para a sua família, por outro lado, permite que a alma descanse em paz. Vale dizer ainda que se esta cerimônia não for realizada, as familiares do morto não se sintam a vontade ou respeitada no seio da sociedade Mancanha, uma vez que vão ser considerados incapazes de honrar as almas das suas famílias mortas.

Sanca ainda acrescenta que antes o ritual de Toca-Choro era mais sagrado e mais tradicional, visto que havia algumas coisas que não eram admissíveis perante a realização dessa cerimônia, como por exemplo, a presença das crianças não havia a necessidade de sacrificar vários animais, porque antes o importante era só derrame do sangue do animal independentemente do que era. Porém, atualmente com as mudanças na sociedade Mancanha este cenário sofreu alteração com a permissão da presença das crianças. O ritual do Toca-Choro se transformou numa festa e o animal predileto para o sacrifício é vaca e este se constituiu no fator mais importante para realização do ritual (SANCA, 2019).

Segundo Sanca, para os Mancanha, o Toca-Choro se constitui um dos maiores prémio que uma pessoa espera depois da sua morte, porque se consideram que por meio desse ritual a alma da pessoa morta é acolhida pelos seus ancestrais. Diante disso, os parentes dos mortos acreditam que sem a realização da cerimônia de Toca-Choro a alma da pessoa morta fica com Ira (SANCA, 2014, p. 3).

Na sociedade do povo Mancanha, há a prática de sacrificar os animais no momento de Toca-Choro, o sangue derramado se representa o transmissor para descanso dos mortos e, também, serve como uma forma de ligação entre os dois mundos, por outro lado, representa a continuidade da vida de uma forma que possibilita a atuação dos ancestrais em garantir a segurança dos vivos. O toque de *bombolom* que se faz serve para elogiar a obra realizada pela pessoa antes da sua morte, permitindo o restabelecimento do contato entre o mundo dos vivos e dos mortos. Este instrumento *bombolom* “é tocado por uma pessoa dotada de poder sobrenatural para fazer essa ligação entre os vivos e mortos, cujo toque só se entende por aqueles considerados possuidores de poder sobre-humano” (SANCA, 2014, p.5- 6).

---

<sup>14</sup> José Sanca, ancião guineense e pertence o povo mancanha de Cói. Concedeu a mim uma entrevista no dia 1 de Janeiro do ano 2019 na qual respondeu as seguintes questões: Qual é a concepção do povo Mancanha com relação ao ritual de toca choro? De que maneira se dava as praticas ritualistas de toca choro na antiguidade na sociedade Mancanha? Qual é o prejuízo para família do ente querido, se no caso não realizar o mesmo ritual?

Com base nas palavras dos autores, dá para perceber que o ritual de Toca-Choro para Mancanha é feito no sentido de ajudar a alma na entrada no mundo sagrado dos seus ancestrais. Neste ritual, são sacrificados os animais, pois acreditam que os seus sangues servem para guiar os mortos na entrada no novo mundo. Por outro lado, este ritual é feito só para os adultos e idosos porque é marcado por festa, enquanto que, para as crianças só no momento da saída do corpo para o funeral que se sacrifica o animal para fazer passar o cadáver em cima do animal, este é o ritual feito para que as crianças possam atingir o mundo dos ancestrais.

#### **6.4.1 Outros rituais de Toca choro**

Na Guiné-Bissau existe diversidade de grupos sociais como já foi apontado, no qual cada um têm as suas próprias práticas, mas alguns têm crenças comuns que herdaram dos seus ancestrais, como, a cerimônia de Toca-Choro, que tanto o povo Mancanha, Papel, Balanta e assim como Manjaco apresentando algumas similaridades na realização dessas cerimônias. De modo geral, o Toca-Choro é a forma de honrar os mortos e ajudá-los a ter acesso ao mundo dos ancestrais. Diante disso, o grupo de paleo-sudaneses “Mandinga” e neo-sudaneses “Fula” também têm as suas formas de honrar os seus mortos, que se dá através das *simolas* (é uma espécie de cerimonia feita em favor dos mortos como acontece entre os já citados povos não islamizados) que são feitas após a morte de um ente querido. Por outro lado, também existe outro grupo que tem as suas formas de enfatizar a honra dos mortos por meio da missa, este grupo é conhecido como os Crioulo “cristãos”.

Nesta sequência, eis as seguintes descrições dos grupos sociais da Guiné-Bissau que honram as almas dos seus entes queridos por meio de ritual de Toca-Choro. Segundo Saraiva (2003), em suas análises feitas sobre Toca-Choro do povo Papel, salienta que este ritual é uma garantia de um bom posicionamento do morto no mundo além, sem a realização desta cerimônia a alma fica a girar entre os dois mundos sem o destino. Do mesmo modo, destaca que sem a realização do Toca-Choro, sério perigo pode recair sobre a família porque o morto se sente abandonado pelos vivos e pode retaliar, por isso há todo o interesse na celebração o mais rápido possível (SARAIVA 2003, p. 184-186).

De acordo com Cali (2012)

O ritual de Toca-Choro pode ser compreendido como uma forma de reconhecer e dignificar um familiar falecido perante a sociedade. É entendido como um dever,

onde cada membro da família em idade adulta sente a obrigação de tomar parte nela (CALI 2012, p. 36).

Segundo o Padre Abulai (2014), em suas análises sobre rituais fúnebres, o Toca-Choro do povo *Balanta de patch*<sup>15</sup>, revela que este ritual tem um valor para o sufrágio das almas dos entes queridos. E esta cerimônia é feita por dois motivos especiais. O primeiro é no sentido do mundo dos mortos, de modo que, permite o repouso da alma e, também, facilita a entrada do morto no mundo dos antepassados. Segundo as fontes orais, estes acreditam que sem a realização desta cerimônia a alma vagueia e pode revoltar contra familiares. E no sentido terreno, tem a ver com o medo, porque confiam que toda a causa ou desgraça pode ser por causa de não cumprirem com este ritual.

## 7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere aos procedimentos metodológicos que serão adotados para o desenvolvimento da pesquisa será adotada uma abordagem qualitativa, pois acreditamos ser mais adequada para a pesquisa que pretendemos levar a cabo. Creswell salienta que:

É meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, as análises dos dados indutivamente construídas a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível [...] Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apoiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (CRESWELL, 2010, p. 26).

No que diz respeito ao tipo de investigação, daremos continuidade a pesquisa exploratória. De acordo com Gil "as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses" (GIL, 2010,). O trabalho de revisão bibliográfica focado na temática em questão e outros temas que lhe cercam serão aprofundados. Diante disso, Cervo, Bervian e Silva (2007), no livro *metodologia científica*, afirmam que a pesquisa bibliográfica procura explicar o problema a partir de referências teóricas já publicadas como: livros, teses de doutorados,

---

<sup>15</sup> Balanta de Patch é um subgrupo de Balanta que se localiza em Guiné-Bissau na região de Oio concretamente em Binar. Esse grupo se defere do outro grupo de Balanta através da língua

dissertações de mestrados e artigos disponíveis ao nosso alcance. Pretende-se pesquisar em outras fontes documentais, especialmente as notícias de jornais veiculadas tanto no formato impresso quanto digital, onde é possível verificar registros sobre a realização do Toca-Choro, além dos registros familiares.

Para o desenvolvimento do trabalho pretendo realizar pesquisa de campo em *locus*. De acordo com Lakatos, “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações/ou conhecimentos acerca do problema, para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. (LAKATOS, 2010, p. 169). Faremos o nosso estudo do campo na Guiné-Bissau, concretamente no capital Bissau e nas pequenas cidades nortenhas do país Bula e Cói, zonas habitadas predominantemente pelos Mancanhas. Além dos registros das observações sistemáticas e falas colhidas durante o trabalho de campo, serão realizadas entrevistas semiestruturadas. Segundo Triviños *apud* Manzini (2004) “tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. “O foco principal será colocado pelo investigador-entrevistador” (MANZINI, 2004, s/p).

A proposta é entrevistar 10 pessoas, dentre as quais: 2 chefes de família, 3 mulheres, 3 jovens (uma menina e dois meninos), e ainda pretendemos entrevistar ainda dois régulos, um de cidade de Bula e outro de Cói. É importante salientar que a nossa escolha se fundamenta no fato que essas cidades constituem como já foram apontadas, zonas com maior predominância dos Mancanhas e nas quais esses rituais de Toca-Choro geralmente são organizados. Para as escolhas dos interlocutores que serão entrevistadas serão considerados o gênero e *status* social.

## 8 CRONOGRAMA

### 8.1 REALIZAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

<b>ATIVIDADES</b>	<b>2ª Semestre</b>	<b>3ª Semestre</b>	<b>4ª semestre</b>
Pesquisa exploratória			
Revisão de Literatura			
Produção de resumos e fichamentos			
Escrita do pré-projeto			
Coleta de dados e Informações			
Análise de dados e informações			
Elaboração e Escrita do Projeto (TCC)			
Entrega e Apresentação do TCC			

## 8.2 REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Atividades a serem desenvolvidas por ano / semestre	2019		2020		2021	
	Abril-Jun	Jul-Dez	Fev-Jun	Jul-Dez	Fev-Jun	Jul-Dez
Pesquisa Bibliográfica						
Levantamento e seleção de materiais de leitura bibliográfica.						
Leitura e Confeções de fichamento da bibliografia.						
Produção dos instrumentos de coleta (roteiros de entrevista).						
Realização da pesquisa de Campo						
Realização, transcrição e análise das entrevistas.						
Identificação e análise das fontes documentais.						
Elaboração da proposta de estrutura dos capítulos e sinopses.						
Escrita da Monografia						
Entrega e Defesa do TCC						

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da revisão e leituras feitas até aqui é possível perceber que o povo Mancanha dá importância significativa ao ritual de Toca-Choro, porque se constitui a necessidade de manter uma forte harmonia com os seus antepassados. Por outro lado, dá para entender que para o referido povo a base do mundo depende das suas ancestralidades e todos cultos são realizados com vista à veneração a tradição dos seus antepassados. E Toca-Choro é uns dos meios pelo qual o povo Mancanha expressa as suas crenças aos ancestrais. Diante disso, acreditam que por meio desse ritual, conseguem ter acesso ao mundo sagrado dos ancestrais e, também, o mesmo serve como uma forma de ligação entre dois mundos (vivos/mortos).

Com base no que foi exposto, o povo em questão se acredita que nada no mundo acontece por acontecer tudo tem uma explicação. E mais, é perceptível que a morte não se constitui o fim de tudo, uma vez que existe a vida a após a morte no mundo dos ancestrais. Por isso, a necessidade da efetuação das cerimônias fúnebres cujo intuito é honrar a alma da pessoa morta e permiti-la que acesse o país dos mortos sem que haja algo pendente no mundo dos vivos que ia incomodá-la.

Por ora, considero que este trabalho cumpre as exigências mínimas para a conclusão do primeiro ciclo de formação no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Darei continuidade ao desenvolvimento do projeto no segundo ciclo, na terminalidade, com a realização da pesquisa de campo em Guine-Bissau.

## REFERÊNCIAS

- BENZINHO, Joana; ROSA, Marta. **Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau**. 2015. Disponível em:  
[http://www.eeas.europa.eu/archives/delegations/guinea\\_bissau/documents/press\\_corner/20160215\\_guia\\_guinea\\_bissau\\_uniao\\_europeia\\_afectos\\_pt.pdf](http://www.eeas.europa.eu/archives/delegations/guinea_bissau/documents/press_corner/20160215_guia_guinea_bissau_uniao_europeia_afectos_pt.pdf). Acesso em: 10.mar.2018.
- CALI, Victor João. **A reestruturação da rede urbana e o seu contributo para o ordenamento do território da Guiné-Bissau**. 2012. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:  
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/7795/1/Trabalho%20de%20Projecto%20Cali%2016%20Abril%202012%20VF.pdf>. Acesso em: 11.fev.2018
- CARDOSO, Leonardo. **Os Brames: Da Morte ao Enterro**. Soronda Revista de Estudos Guineenses. Bissau, Nova Série, n. 8, p. 07-28, 2004
- CERVO, Amado, Luiz; BERVIAN, Pedro, Alcino; SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. -6 ed.-São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau**. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, v. 20, p. 11-253, 2011. <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/1702/1513>
- CRESWELL, John w. **Projeto de pesquisa, métodos, qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CUMBA, Fernando Nhaga. **O Passado no Presente e a Literatura Guineense do Séc. XXI-a partir do Romance «Kikia Matcho»-O desalento do combatente**. 2017. Tese de Doutoramento. Disponível em:  
<https://run.unl.pt/bitstream/10362/23170/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20%28revis%C3%B5es%20a%20partir%20de%20sugest%C3%B5es%20do%20Arguente%29.pdf>  
 Acesso em: 17/10/2018
- DELFINO, Leonara Lacerda. **O culto dos mortos da nobre nação de Benguela na experiência devocional do Rosário dos Homens Pretos São João del-Rei, MG (1793-1850)**. Afro-Ásia, n. 58, 2018
- DO NASCIMENTO, Flor. **Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis**. *Ensaio Filosófico*, v. 13, p. 153-171, 2016. Disponível em:  
[http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo13/11\\_NASCIMENTO\\_Ensaios\\_Filosoficos\\_Volume\\_XIII.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo13/11_NASCIMENTO_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIII.pdf). Acesso em: 17/10/2018
- EVANS-PTRITHARD. Edward Evan. **Bruxaria, oráculos entre Azande**. Edição resumida e introdução, Eva Gillis; tradução Eduardo Viveiros de Castro.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- FONSECA, Domingos da. **Os Mancahas**, Guiné-Bissau: Ku Si Mon Editora, 1997

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em:

[https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod\\_resource/content/1/como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 09/10/2018

JAO, Mamadú. **Estrutura" política" e relações de poder entre os Brâmes ou Mancanhas. Soronda**, v. 8, p. 47-61, 1989.

[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=+Mamadu+Jao+Estrutura+politica+e+rela%C3%A7%C3%A3o+de+poder+entre+os++Brames+ou+Mancanha&btnG=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=+Mamadu+Jao+Estrutura+politica+e+rela%C3%A7%C3%A3o+de+poder+entre+os++Brames+ou+Mancanha&btnG=)  
Acesso em:22/11/2018

JONG, Joop T. V. M. **O Irã, o Fulano e a doença. Soronda: Revista de Estudos Guineenses, Bissau**, n. 5, p. 5-24, jan. 1988.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, v. 2, p. 10, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira**, 2004

PINTO, Paula; PIMENTA, Carlos. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento**. 2009. Disponível em:  
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23213/2/tesemestpaulapinto000093779.pdf>. Acesso em: 08.fev.2018.

RODOLPHO, Adriane Luísa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão bibliografia antropológica. Estudos Teológicos, São Leopoldo**, v. 44, n. 2, 2004.

SANCA, José Ricardo. **Práticas de culto dos ancestrais na Guiné-Bissau: o destino dos mortos na etnia mancanha**. 2014.

SARAIVA, Clara. **Rituais funerários entre os Papeis da Guiné-Bissau (Parte I). Soronda, Revista de Estudos Guineenses**, v. 6, p. 179-210, 2003.

[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=os+processo+de+rituais+de+Toca-Choro&oq=Rituais](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=os+processo+de+rituais+de+Toca-Choro&oq=Rituais)+ Acesso em: 22/11/2018

SANHA, Pe. Abulai. **Funeral dos Balantas patch no contexto da pastoral funerária crista, para evangelização inculturada e um diálogo convergente**. Monografia (licenciatura) seminário maior Dom settimio Arturo Ferrazeta em BISSAU 2014

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi: Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral**. Disponível em:

[https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as\\_sdt=0%2C5&q=AS+MANDJUANDADI](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=AS+MANDJUANDADI)

++CANTIGAS+DE+MULHER+NA+GUIN%C3%89-  
 BISSAU%3A+da+tradi%C3%A7%C3%A3o+oral+%C3%A0+literatura&btnG=à literatura.  
 2010.

SILVA, A. C., & LUDORF, S. M. A. (2012) & GENNEP, AV. **Os ritos de passagem.** Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. *Pensar a Prática*, 15(4).

SCANTAMBURLO, Luigi. **O Léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: ensino bilingue português-crioulo guineense.** 2013.

SCANTAMBURLO, Luis. **Etnologia dos bijagós da ilha de bubaque.** Thesis de Master of Arts em Antropologia na Universidade Wayne Staté, de Detroit (Michign, U.S.A.), 1978

SLENES, Robert W. "Malungu, ngoma vem!": **África coberta e descoberta do Brasil.** **Revista Usp**, n. 12, p. 48-67, 1992file:///C:/Users/USER/Downloads/25575-Texto%20do%20artigo-29519-1-10-20120614.pdf. acesso 16/09/2018